

AS PRÁTICAS AVALIATIVAS COMO ELO POTENCIALIZADO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Eliane Vieira dos Santos

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB

Rosineide Pereira Mubarack

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB

Resumo: Pensar a avaliação como elo potencializador do processo de ensino-aprendizagem, a partir das tomadas de decisões, adotando como princípio para estas, os resultados qualitativos e quantitativos obtidos através dos instrumentos e procedimentos avaliativos são fundamentais para a construção de uma eficaz prática pedagógica, no entanto, para que tal ocorra, faz-se necessário conhecer os modelos teóricos de avaliação, suas potencialidades pedagógicas e de gestão do conhecimento. Nesta perspectiva, a pesquisa tem como objetivo identificar e caracterizar as práticas avaliativas utilizadas pelos professores que atuavam no Centro Educacional Ana Lúcia Magalhães situada no Município de Mutuípe/BA. Trata-se de um estudo de caso de pesquisa abordagem qualitativa, na qual utilizou como instrumentos para coleta de dados, o questionário semiaberto e a análise documental. Como fundamentação teórica, se baseou nos estudos feitos por Alves (2013), Garcia (2013), Luckesi (1999, 2002) entre outros. Deste modo, percebeu-se que as práticas avaliativas da escola, estabelece uma junção da primeira geração (medição), com a segunda (descrição) e com a terceira geração (julgamento), sendo ainda insipiente uma vivência na quarta geração da avaliação (negociação/comunicação), contudo a pesquisa demonstrou a disposição dos professores e o potencial em tomar decisões que visassem fortalecer o elo das práticas avaliativas com o processo de ensino-aprendizagem, fomentando uma educação que seja emancipatória e almeje a construção para a formação cidadã dos sujeitos a comunicação e pactuação entre os sujeitos envolvidos com uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Aprendizagem. Gerações da avaliação. Tipologia da avaliação.

Introdução

A avaliação da aprendizagem, no cenário atual tem tido destaque nos encontros para discussões a respeito do ensino, da prática pedagógica e da própria qualidade educativa. Isso decorre do resultado do reconhecimento que esta possui, no que diz respeito a sua grande influência para a garantia de um ensino eficiente e democrático. Entretanto, para que isso aconteça, é necessário compreender as dimensões da avaliação, seu contexto histórico e como esta

tem funcionado na contemporaneidade, para que se consiga com eficácia empregar os instrumentos necessários para sua efetivação.

Ao longo do tempo a avaliação da aprendizagem, veio tecendo seu contexto histórico aprimorando seus conceitos e práticas, a fim de garantir melhores resultados para o processo do ensino. Essas fases distintas de construção do saber por meio da análise dos cotidianos são denominadas de gerações da avaliação. Cada geração é composta por variadas forma, objetivos e estratégias para conduzir a prática avaliativa.

Nesta perspectiva, as práticas avaliativas em cada geração constituem de instrumentos de coletas de dados, com técnicas que propicia acompanhar o crescimento intelectual e social dos alunos, permitindo sempre que necessário, o (re)pensar e (re)formular o fazer pedagógico.

A presente pesquisa trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa, desenvolvida no Centro Educacional Ana Lúcia Magalhães (CEALM) localizado no município de Mutuípe/BA, na qual, foi escolhida por meio de uma seleção embasada nos dados do IDEB. A escola fica. Os instrumentos utilizados para coletas de dados foram o questionário semiaberto destinado aos professores e coordenadores pedagógicos, entrevista e análise documental.

O presente texto está organizado em cinco itens de discussão, sendo o primeiro destinado a este momento introdutório, o segundo faz um apanhado histórico elencado as gerações da avaliação e apresentando-as. O terceiro destina-se a discutir sobre as tipologias da avaliação da aprendizagem exemplificando uma a uma, o quarto subitem discute os resultados obtidos na pesquisa e, por último, o quinto item traz as considerações finais.

As gerações da avaliação: de que avaliação estamos falando?

No contexto histórico a avaliação da aprendizagem, mecanismo de apoio e verificação da construção dos saberes, veio constituindo-se no tempo reformulando e readaptando-se as novas realidades. Neste rasto histórico a avaliação constituiu-se em gerações distintas, mais precisamente quatro gerações da avaliação da aprendizagem.

A primeira geração da avaliação recebe o nome de geração de medição ou mediação, ela surge no momento em que as ciências sociais e a teoria Evolucionista ganha destaque, pois, as tendências nos estudos a respeito dos fenômenos sociais e humanos, conduziram para o

desenvolvimento das pesquisas em mediação (ou técnica de mediação), muito conhecidos por testes objetivos que visavam medir as competências e os níveis mentais. Sua principal finalidade consistia em acompanhar a memorização dos conteúdos pelos educandos, essa técnica de medidas (QI) foi muito utilizada pelos professores nos séculos XIX e XX em várias escolas no mundo, principalmente as escolas americanas.

Na primeira Guerra Mundial os testes receberam outra finalidade, desta vez, voltados para a escolha dos soldados que seriam enviados para os campos de batalha. Com os bons resultados alcançados pelas tropas norte-americanas, as empresas passaram a apostar nesse recurso para a seleção de mão de obra, visando à rentabilidade. Concomitantemente, ocorreram inúmeros investimentos neste campo de pesquisa pelas esferas privadas, principalmente da década de 20 e 30 do século XX.

A estatística e a quantificação objetiva da sociedade conduziram os trabalhos científicos da época. O medir, examinar hipóteses e estabelecer correlações foram os ideais que demarcaram a primeira geração da avaliação, cujo destaque está no rendimento, no comportamento e na mensuração de atitudes. Para Garcia (2013):

Compreende-se que os dados de desempenho, medidos por instrumentos padronizados, tentavam expressar generalizações com objetividade e precisão, entretanto, a análise quantitativa dos objetos ou fenômenos educacionais não se restringe apenas ao observável e ao quantificável. É relevante considerar a complexidade dos programas e das políticas educacionais, os atores sociais e a dinâmica do contexto cultural (p. 58).

É necessário compreender alguns aspectos particulares desta fase da avaliação, dentre eles o lugar privilegiado do professor, estabelecendo para o aluno o lugar passivo. O modelo pedagógico, embasado na perspectiva de que a forma adequada de ensinar é a transmissão do saber, enquanto o aprender seria a capacidade de reprodução tal como foi ensinado, levou o ensino a centrar-se nas palavras do professor, acreditando que as dificuldades de aprendizagem dos alunos seriam consequência de seus próprios defeitos.

Esta geração, não compreendia a avaliação num processo ininterrupto e contínuo, pois, sua realização se restringe unicamente ao final dos períodos escolares, potencializando a valorização dos testes. O principal objetivo não está em observar o desenvolvimento intelectual, mas a

capacidade que cada aluno tem para realizar as funções estabelecidas. Deste modo o erro não é visto como parâmetro que informa os percursos da aprendizagem, mas sim um sistema de valor.

Por sua vez a segunda geração da avaliação, intitulada como descritiva, surgiu a partir do momento em que as práticas avaliativas precisaram ser mais bem compreendidas para surtir um melhor efeito, tendo em vista que a última geração, já demonstrava algumas lacunas no processo educacional. Assim buscou-se compreender nesta fase os resultados adquiridos pelos alunos, observando sempre os objetivos formados e as dificuldades encontradas para sua realização, comparando os resultados com os fins estabelecidos. Para Garcia (2013):

A segunda geração da avaliação- alcance por objetivos focados na perspectiva descritiva- surge após a Primeira Guerra Mundial quando novas pesquisas são incentivadas pelo governo com ênfase na necessidade da revisão do currículo escolar e na busca da melhoria no desempenho escolar (p. 58).

A avaliação ainda tecnicista passava a descrever e observar os padrões e critérios, segundo a autora supracitada, os objetivos educativos “precisavam ser avaliados constantemente pela escola e pelo sistema educacional com a finalidade de identificar se a escola estava conseguindo de forma eficiente atender aos objetivos que eram definidos pela necessidade de economia” (GARCIA, 2013, p. 59). É a partir de então que surge uma nova avaliação que se preocupa com os desígnios estabelecidos e os resultados oriundos dele.

Começam então as influências pelas posições ideológicas, a fim de interpretar os fatos, surgindo a avaliação qualitativa focada no sujeito. Os resultados alcançados pelo processo levantaram questionamento acerca dos números obtidos e de sua utilidade para a avaliação, que não é suficiente apenas constatar os rendimentos dos alunos e sim delinear as metas do ensino para estimar em que medidas tais objetivos foram alcançadas. A avaliação nessa geração deveria contribuir para o processo de construção do saber dos alunos e para as tomadas de decisões dos professores, não obstante, a avaliação toma uma nova dimensão pedagógica em paralelo sempre com a avaliação formativa e a diagnóstica.

A terceira geração da avaliação, conhecida como de julgamento, preocupou-se com os julgamentos das dimensões e objetivos educativos, pois, a partir dela o professor assume o papel de juiz da mensuração e da descrição. Questionando a redução do processo avaliativo ao sinônimo de medida e teste. Nessa fase, houve a publicação de inúmeros intelectuais a respeito do processo

avaliativo, sendo alguns deles: Hutmacher (1978), Scriven (1991), Perrenoud (1999), Luckesi (2001). É interessante demarcar que, apesar de já ser apontada a quinta geração da avaliação, nos dias atuais ainda se encontra resquícios nas escolas das mais variadas gerações da avaliação. Para uma maior compreensão acerca da discussão, Garcia (2013) traz que:

Considerando que o conhecimento se dará de forma coletiva e negociada, a avaliação passa a ser compreendida como sendo um ato de confrontação entre uma situação real e expectativas referentes a essa situação de forma também negociada e pactuada coletivamente. O avaliador deixa de ser um instrumento de medida, uma máquina de dar notas, e torna-se um ator em processo de comunicação que se inscreve em um contrato social, mediante regras acordadas coletivamente em uma dinâmica de negociação (p. 63).

As decisões a serem tomadas sempre serão por meios das relações estabelecidas, condicionadas pelo contexto visual concretizado pela turma. Para tal, é necessário o estabelecimento de um relacionamento entre sociedade, avaliação e escola, a fim de que se possa desenvolver um mecanismo de regulamentação interativo. Dá-se ênfase na aprendizagem cognitiva dos alunos e de como a mesma funciona, permitindo que, a partir do erro, o professor possa orientar seus alunos na realização de suas tarefas.

No que diz respeito, a quarta geração da avaliação iniciou-se nos anos 90 do século XX, também conhecida como geração de negociação. Com a ascensão dos meios tecnológicos comunicativos que permitia a valorização da interação entre as pessoas, tornou a negociação o grande elemento de destaque. Assim, o diálogo, nos espaços escolares como método de ensino, permitiu que professores e alunos assumisse juntos a responsabilidade de conduzir a construção da aprendizagem, quanto a prática avaliativa.

Com uma visão construtivista, esta geração compreende a educação enquanto ato político de melhoria de vida, transformação social e conscientização, sendo assim, é de fundamental importância que as práticas avaliativas quanto a educativa relacionem-se com a realidade vivenciada pelos alunos, a partir de temas geradores, oriundo da vivência dos mesmos.

A forte influência das teorias construtivistas requer do professor um papel de organizador do processo de aprendizagem dos alunos, utilizando diversos métodos de ensino e da auto-avaliação para a obtenção de bons resultados. O aluno também assume um papel regulador de sua própria aprendizagem, identificando as suas dificuldades para que o professor consiga ajudá-lo.

Compreender as gerações da avaliação, permite que professores no contexto atual, auto avaliem suas práticas e consigam compreender seus próprios métodos avaliativos, possibilitando reconhecer os avanços que são necessários traçar, ou os novos caminhos que apontam para a construção de um novo diálogo. Pois, a avaliação transcende muitas gerações, e muitas outras gerações transcenderá.

Tipologia da avaliação da aprendizagem

Para cada processo da aprendizagem, torna-se fundamental a utilização de um instrumento avaliativo, seja para acompanhar, medir, constatar ou verificar. Este item elenca os principais tipos de avaliação da aprendizagem (ou instrumentos avaliativos). As três primeiras (avaliação de contexto, avaliação de insumo e avaliação de processo) estão centradas na organização da técnica educacional, enquanto as demais estão voltadas para acompanhar o desenvolvimento cognitivo.

A avaliação de contexto está vinculada às decisões do planejamento e por isso deve ser a primeira atividade a ser desenvolvida, pois, ela precisa se atentar a realidade local e o tipo de formação que a escola deseja ofertar. Ela é a responsável por desenhar todo o processo educacional letivo ou ciclo, uma vez que aponta os padrões a ser seguidos, que diz respeito à caracterização da comunidade e da instituição, a construção de objetivos e metas, intensificação das necessidades e dos dados, dentre outros.

Este tipo de avaliação é a base para o desenvolvimento de todas as outras, pois, possibilita o incremento de atividades planejadas durante o processo. Ela busca conhecer a escola, seu espaço físico, seus funcionários, e como cada um pode contribuir na construção da aprendizagem. Em seguida, propõe conhecer o público que irá atender de onde vem e quem são, conhecendo suas dificuldades e seu contexto histórico, a fim de que, com este levantamento de dados, consiga estabelecer as metas a serem alcançadas. Os conteúdos são escolhidos tendo base os objetivos que foram estabelecidos e ponderados em consequência das integrações com a realidade da comunidade.

Outro aspecto importante é a caracterização dos alunos que viverão o processo de ensino nas escolas. Ele é indispensável, pois, permite a constituição de uma didática com atributos que respeitem as especificidades dos mesmos, e compreenda o processo de aprendizagem de cada

criança, para poder respeitar seu tempo de formação. É inegável a importância deste método para construir uma identidade própria da escola, buscando sempre melhorar a qualidade da educação.

Por sua vez, a avaliação de insumo diz respeito à tomada de decisão na estruturação do processo educativo, que corresponde à construção e verificação das possibilidades de realização das metas objetivadas anteriormente, assim como os instrumentos necessários para alcançar os objetivos desejados. Este método é pensado para detalhar e ponderar as metas estabelecidas na avaliação de contexto, encontrar recurso que possibilite chegar aos resultados desejados, analisar os professores envolvidos, para buscar aperfeiçoá-los e atender às necessidades do planejamento, como permitir que os mesmos tenham acompanhamento especializado para uma formação continuada.

Utiliza o planejamento para comparar os recursos humanos que serão necessários, e as metodologias diferenciadas, bem como teste e questionários avaliativos. Este processo avaliativo será realizado durante o período do planejamento, pois, sua principal utilidade é verificar toda sua construção, sejam as metas, os materiais produzidos, a didática, dentre outros, a fim de garantir que todos os alvos estabelecidos consigam serem efetivados.

Já a avaliação de processo está voltada para a decisão de implementação, que segundo Sant'Anna (2011), “é toda engrenagem que aciona a formação do produto através de adequadas estratégias de procedimentos e sua implementação” (p. 41), assim como o registro das atividades realizadas. Este processo diz respeito à realização do planejado, de sua análise e do seu aperfeiçoamento. Esta modalidade avaliativa acompanha o processo educacional, pois, será ela que analisará durante todo o ciclo, se as atividades que foram planejadas no início das atividades estão sendo desenvolvidas como esperado.

Percebe-se, que até o momento, foram contextualizados métodos avaliativos que preparam a escola e os professores para realizar o processo avaliativo (o planejamento, metas, projetos entre outros). Agora serão abordados os métodos que dão conta de verificar a construção da aprendizagem, que são elas: avaliação diagnóstica, avaliação formativa, avaliação somativa e a auto-avaliação.

Um processo imprescindível para o ensino é a avaliação diagnóstica. Luckesi (2011) aponta que “o primeiro passo do diagnóstico é a configuração do seu objeto de estudo, o que

implica sua descrição, tendo por base suas propriedades físicas” (p. 278). Tal avaliação envolve elementos como a descrição da aprendizagem do aluno, que busca conhecer seus níveis de construção dos saberes, e como é dado o processo de ensino e aprendizagem.

Nota-se que o objetivo da mesma é conhecer o aluno e o nível de seu desenvolvimento, a fim de poder detectar o grau de aprendizagem e a forma com que cada estudante aprende no seu tempo, visando encontrar direcionamento para a prática docente. O professor pode contar com inúmeras ferramentas para sua realização, de acordo com seus conhecimentos e com os materiais disponíveis pela escola. Esse nivelamento que é feito por meio deste método avaliativo possibilita a melhoria da ação de educar, pois, permite ao professor identificar a construção da aprendizagem de seus alunos. Para Luckesi (2011), diagnosticar é qualificar a realidade, é o ponto central da avaliação.

Fica evidente que este método avaliativo tem como finalidade maior analisar o nível de aprendizagem para que novos sejam iniciados, entretanto, esse método é pouco utilizado nas escolas brasileiras; as mesmas dificilmente iniciam suas atividades fazendo esse processo minucioso de investigação. Ainda falta uma consciência crítica a respeito da necessidade do diagnóstico para o bom funcionamento letivo, pois só se consegue avançar quando há um reconhecimento do lugar em que se está.

A avaliação formativa tem como propósito averiguar e apresentar o resultado da aprendizagem do aluno durante o ensino. Ela permite que o professor tenha acesso ao progresso de seus alunos e as necessidades que ainda precisam ser sanadas. Ela, por sua vez, ocorre durante todo o processo educativo e sua principal utilidade é o controle; ela é realizada a fim de analisar se os alunos estão conseguindo alcançar as metas estabelecidas. Desse modo, Alves (2013) diz que:

Durante esta avaliação, orientada pelo seu professor, o aluno poderá identificar quais são as estratégias, os procedimentos, os conceitos e as atitudes que adotou; quais estão conduzindo ao sucesso e quais são inadequados. Ele também aprende como aprender e como construir o seu conhecimento, pois os erros cometidos, quando examinados, analisados, discutidos, também servem para ensiná-los, desde que sejam utilizados como fontes de informação sobre o que fazer e o que não fazer no contexto da situação-problema que ele precisa resolver (p. 89).

A referida avaliação está ligada ao processo formativo dos alunos, tendo papel informativo, pois, apontam aos professores a situação atual do desenvolvimento da aprendizagem, como

também o acompanhamento, indicando aos mesmos quando seria o momento certo de avançar ou retroceder nos conteúdos programáticos. Já na modalidade somativa, o processo pelo qual se avalia a aprendizagem final do aluno serve para verificar a aquisição do conhecimento no término de um ciclo educacional, analisando a construção do saber. Essa modalidade avaliativa também é muito conhecida como classificatória.

A mesma é realizada no final do processo de ensino (unidade, ciclo, módulo dentre outros), a fim de coletar os resultados da aprendizagem. Esta modalidade na maioria das vezes é responsável por contabilizar as notas dos alunos, e estas notas é que irão corresponder ao nível de aprendizagem de cada um. Há uma grande discussão acerca da metodologia e da finalidade da avaliação somativa, uma vez que esta geralmente é utilizada isoladamente das outras práticas avaliativas, não dando conta de analisar sozinha a aprendizagem, sendo que aprender requer uma gama de experiências e condições para que a construção do conhecimento aconteça.

A auto-avaliação é um método pouco utilizado nos espaços escolares, entretanto, de muita valia na percepção da aprendizagem dos alunos, pois a leva a sentir-se também responsável por este processo avaliativo, ou seja, “o sujeito passa a ter mais consciência da importância do seu envolvimento no processo de aprendizagem e passa a ter um olhar mais crítico e reflexivo sobre os diferentes aspectos e momentos de sua atividade cognitiva” (GARCIA, 2013, p.70).

Este mecanismo de conhecer a si mesmo, na busca pela melhoria de suas ações, permitem, com que o aluno sinta a importância que ele tem sobre a aprendizagem. Deve-se incentivar o mesmo a compreender seus erros aceitando-os e construindo junto à escola uma alternativa que supere as dificuldades, do mesmo modo, que este processo leva-o a conhecer a fundo suas necessidades.

Os diversos tipos de avaliação servem para possibilitar uma ação pedagógica e docente que permita refletir sobre a aprendizagem, criando inúmeros mecanismos didáticos, permitindo que faça da educação um elemento capaz de cumprir com sua responsabilidade de ser igualitária e para todos. As funções avaliativas proporcionam ao processo de aprendizagem um maior aproveitamento dos resultados, possibilitando a melhoria na qualidade de ensino. Ela, em si, permite que o processo de apropriação do saber se torne mais abrangente e uniforme, tendo em vista que, por meio dos resultados, direcione as tomadas de decisões.

As práticas avaliativas no centro educacional Ana Lúcia Magalhães

Identificar quais as práticas avaliativas mais utilizadas por professores no ensino fundamental I e caracterizá-las, foi o objetivo desta pesquisa. Para conseguir realizá-la foi necessária a aplicação de um questionário com os professores e um coordenador pedagógico a fim de verificar tais práticas. Buscou-se primeiro entender a compreensão que os mesmos tinham sobre a própria avaliação.

Questionou-se aos professores o que eles compreendiam sobre a avaliação. Nas respostas dos professores foi possível perceber, que para os mesmos é um processo natural, onde o professor consegue compreender quais foram os assuntos assimilados pelos alunos e rever a metodologia, se a mesma está possibilitando a construção de conhecimentos. Observa-se que a compreensão do mesmo sobre a avaliação está voltada ora para o processo de verificação, ora para a própria avaliação da aprendizagem.

Buscando compreender melhor a diferenciação entre avaliação e verificação, Luckesi (2002) diz que “A dinâmica do ato de verificar encerra-se com a obtenção do dado ou informação que se busca, isto é, "vê-se" ou "não se vê" alguma coisa. E... pronto!” (p. 75). Este processo consiste apenas na averiguação, na constatação dos fatos. O autor ainda complementa que “A verificação é uma ação que "congela" o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação” (p. 76). Nesse paralelo, evidencia-se que a verificação obtém-se as informações de um dado momento e se encerra nesta constatação, enquanto a avaliação constata os dados e as direciona permitindo compreender o processo como um todo de forma integrada com os elementos que a constitui. Deste modo a avaliação “não poderá ser uma ação mecânica. Ao contrário, terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social” (LUCKESI, 1999, p. 46).

Ainda com o objetivo de compreender a prática avaliativa dos educadores e a própria concepção que os mesmos adquiriram sobre o tema, é importante identificar qual geração da avaliação os professores centram as suas ações e deste modo observar a interferência do mesmo no ensino. Foram elencados inúmeros fatores com base nas características das gerações da avaliação para que os mesmos marcassem as alternativas que mais se aproximassem de suas realidades diárias, sendo elas a primeira geração, a Mensuração, a segunda, a Descrição, a terceira, o Julgamento e a quarta geração, a Negociação. Dos quinze elementos, nove foram assinalados pelos professores.

A primeira alternativa assinalada por cerca de 75% dos entrevistados afirmam que a avaliação desenvolve-se como um meio de regulação da interação. A regulação é compreendida como instrumento constitutivo da avaliação formativa, que contribui para a aprendizagem dos alunos, utilizando a intervenção pedagógica permitindo que os professores consigam construir mecanismos que ajudem na melhoria da qualidade educacional. Há três tipos diferentes de regulação: a retroativa, que ocorre ao final do período de ensino buscando compreender o caminho percorrido, a aprendizagem alcançada e as dificuldades existentes, possibilitando a criação de mecanismos para superar os problemas; a regulação interativa que, por sua vez, acompanha todo o processo educativo e o desenvolvimento do aluno, avaliando-o por meio de sua interação nos processos; por último, a regulação proativa, que permite estimular novos métodos formativos, que potencializa o processo formativo.

A segunda, assinalada por todos os professores envolvidos na pesquisa (ou seja, 100% deles) diz sobre a função informativa que a avaliação assume para os pais. A participação dos pais fortalece os laços entre escola e comunidade, pois, se a escola tem o papel de formação acadêmica e científico, a base familiar tem papel importante na formação ética do indivíduo. O terceiro assinalado por 75% dos professores aponta que a avaliação dá ênfase aos resultados finais, por isso a dimensão seletiva se mantém. Nessa perspectiva, faz pensar a avaliação como um mecanismo que acompanha a ação educativa, enfatizando os resultados. Segundo Vasconcellos (1956) “quando surgem dificuldades em sala, procura-se resolver pela pressão da nota” (p. 140). Essa prática enraizada no contexto da sala de aula não diz apenas sobre um processo de domínio, mas também um processo excludente e seletista dos indivíduos.

O quarto elemento assinalado marcado por 100% dos professores, complementa a discussão acima, pois, afirma que o erro revela ao professor as estratégias elaboradas pelo aluno. Esse elemento nos remete a minimamente duas reflexões. A primeira, em relação ao erro propriamente em si, é da importância que a mesma tem para mostrar ao professor a necessidade de retomar determinados conteúdos que ainda não foram totalmente apreendidos pelos alunos. A segunda reflexão deve ser em relação aos elementos que possibilitaram chegar a esse erro. Atualmente um dos grandes problemas em relação à prova é a difícil linguagem utilizada na elaboração da mesma, ou até mesmo, atividades com sentidos distorcidos, o que leva a criança a ter inúmeras interpretações da mesma. Sant'Anna (2011) afirma que:

Uma avaliação precisa se alicerçar em objetivos claros, simples, precisos, que conduzam, inclusive, à melhoria do currículo. [...] No caso de se perceber alguma dificuldade é preciso analisar suas causas dentro do esquema total do rendimento. A falha poderá estar na metodologia utilizada, mas poderá, também, estar em algum fator psicofísico ou outro qualquer (falta de tempo para estudar, desinteresse etc.) (p.27-28).

Por outro lado, os professores disseram também que a identificação dos erros e das dificuldades faz parte do processo de aprendizagem, pois, permite que tanto eles quanto os alunos venham a elaborar estratégias que consigam superar as lacunas existentes e direcionar um novo método de ensino. Para Vasconcellos (2003), “o erro tem grande importância no trabalho educativo (assim como no científico): pode ser visto como um indicador de carências e de inadequação de estratégias cognitivas” (p. 60) ou de novas possibilidades de ensino.

O quinto elemento escolhido pelos professores diz respeito à auto avaliação e sua forma privilegiada. Para Sant'Anna (2011) “a auto avaliação é capaz de conduzir o aluno a uma modalidade de apreciação que se põe em prática durante a vida inteira” (p. 94). Entretanto, apesar de inúmeros estudos e publicações nesta área, a utilização da mesma é quase inexistente nas escolas, uma vez que, ainda falta uma compreensão dos alunos e professores acerca de sua metodologia e, principalmente, finalidade, pois, professores não a utilizam com medo de perder o autoritarismo e os alunos, quando submetidos, utilizam-na visando alcançar notas altas, sem refletir sobre seu processo de aprendizagem.

É importante destacar que outros elementos que foram pontuados pelos professores, sendo eles: o papel que o ensinar tem de transferir o saber; a aprendizagem é a capacidade de reprodução

do que foi ensinado, a avaliação como instrumento que só acontece no final do período de ensino-aprendizado; e a orientação pedagógica como facilitadora das realizações de tarefas pelos alunos. Todos esses elementos apontam as características das práticas avaliativas e foram por meio deles que se buscou identificar em qual geração da avaliação os professores se encontram.

Os resultados apontaram que 11% dos professores têm suas práticas embasadas na primeira geração, 22% na segunda geração, 34% na terceira geração e 33% na quarta geração. A partir das constatações pode-se observar que a partir das distribuições de alternativas escolhidas e sua geração, fica evidente que não há a possibilidade de caracterizar as ações dos professores e pontuá-las em uma única geração. Entretanto, é observável que a terceira e a quarta geração, foram as que tiveram mais expressão no Centro Educacional Ana Lúcia Magalhães (CEALM).

A terceira geração é marcada pelas suas decisões coletivas, decididas por meio das relações entre os pares, buscando compreender as formas de aprendizagem de cada aluno para que por meio das orientações pedagógicas possam contribuir com o mesmo. Por sua vez, a quarta geração também caminha por este percurso comunicativo entre os pares, buscando diversificar os métodos de ensino, transformando o aluno no próprio agente regulador de sua aprendizagem. É importante salientar que estas não são apenas elementos das gerações acima citadas, mas principalmente características percebidas nas observações realizadas no CEALM.

Na busca por melhor compreender e identificar as práticas avaliativas utilizadas pelos professores foi questionado os tipos de avaliação utilizados na escola, deste modo, no questionário aplicado, continha uma questão, na qual, os professores deveriam escolher a avaliação mais utilizada por eles. As opções foram; Avaliação Diagnóstica, Avaliação de Contexto, Auto Avaliação, Avaliação de Processo e um espaço aberto, para que eles pudessem apontar, outras caso fizessem uso. Com a análise dos dados coletados chegou à conclusão que 100% dos professores do CEALM utilizam a avaliação diagnóstica; a avaliação de contexto apenas 25% dos professores; a auto-avaliação, 75% dos professores e a avaliação de processo, também, com 25% dos professores.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a prática avaliativa nessa escola inicia-se junto com as aulas, buscando compreender os resultados obtidos durante o período de ensino e por meio deles constatar a aprendizagem. Apenas uma pequena minoria utiliza a avaliação como

mecanismo que busca compreender o espaço em que a escola está inserida e os sujeitos envolvidos no processo de ensino, para, a partir de sua realidade, pensar o planejamento que dialogue com as especificidades de cada sujeito. O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola não sinaliza as avaliações que devem ser utilizadas. O mesmo traz uma discussão singela do que seja a avaliação da aprendizagem. Desse modo, está havendo um esforço coletivo nas escolas de Mutuípe para reconstruir o PPP, a fim de caracterizar a prática avaliativa das escolas municipais.

Nesta perspectiva de pensar os instrumentos avaliativos, buscou-se constatar quais eram utilizados pelos professores. Eles disseram que utilizam a observação (34% dos professores), o questionário (25% dos professores), os registros (25% dos professores), seminários (0,8% dos professores) e prova (0,8% dos professores). Todos esses elementos citados formam o entrelaçado de instrumentos que buscam acompanhar o desenvolvimento dos alunos no Centro Educacional Ana Lúcia Magalhães. Esse conjunto de elementos mostra uma preocupação em diversificar a forma de compreender e acompanhar a aprendizagem do aluno. Essa diversidade é importante, uma vez que, garante trabalhar a escrita e a oralidade dando espaço para o aluno se desenvolver de maneira integral.

Pelo anseio de identificar e caracterizar as práticas avaliativas utilizadas no ensino fundamental I, utilizando como campo de pesquisa o Centro Educacional Ana Lúcia Magalhães (CEALM), foi possível chegar às respostas desejadas. O CEALM tem como característica avaliativa a utilização das terceira e quarta geração da avaliação, tendo em vista que suas práticas se caracterizam por aspectos destas fases, não podendo negar, que mesmo em menor quantidade encontramos resquícios da primeira e segunda geração da avaliação. É bastante plausível citar, que a escola utiliza o diálogo entre os pares para qualificar o processo educativo, procurando diversificar a forma de ensino e buscando sempre novas didáticas de ensino e de avaliação.

A escola utiliza algumas práticas avaliativas, entretanto, as mais recorrentes entre os professores são: as avaliações diagnósticas para acompanhar o ensino e para aferir o nível de aprendizagem e a auto-avaliação como o intuito de refletir seu próprio papel de professor quanto do aluno, analisando sobre todo o processo. Os elementos avaliativos utilizados pelos professores para dar conta de atender a prática avaliativa, apontada pela pesquisa foram: a observação, os questionários, seminários, provas e os registros.

Conclusão

As práticas avaliativas, no contexto atual das escolas públicas brasileiras, demonstra seu grande potencial na construção da aprendizagem dos alunos. Deste modo, muitas pesquisas vêm sendo feitas para compreender como esse processo de avaliar o ensino ocorre.

Esta pesquisa buscou identificar as práticas avaliativas que são mais utilizadas pelos professores do ensino fundamental I, para tal contamos com a ajuda dos educadores do Centro Educacional Ana Lúcia Magalhães que responderam a um questionário disponibilizado ao mesmo. Esses questionários apontaram que os professores oram confundem a avaliação com a verificação, ainda que as suas práticas aproximam-se mais da terceira geração, a do julgamento.

As práticas avaliativas mais utilizadas pelos professores foi a avaliação diagnóstica e em sequência a auto-avaliação, a pesquisa também constatou que os instrumentos avaliativos mais usados pelos professores foram a observação, o questionário e os registros, entretanto, os professores afirmaram que acreditam que o mais eficiente instrumento ainda consiste na prova escrita.

Com base nesse cenário e das evidências caracteriza-se as práticas avaliativas da escola, pautadas em modelos teóricos de avaliação, estabelecendo uma junção da primeira (medição), com a segunda (descrição) e com a terceira geração (julgamento), sendo ainda insipiente uma vivência na quarta geração da avaliação (negociação/comunicação), contudo a pesquisa demonstrou a disposição dos professores e o potencial em tomar decisões que visassem fortalecer o elo das práticas avaliativas com o processo de ensino-aprendizagem, fomentando uma educação que seja emancipatória e almeje a construção para a formação cidadã dos sujeitos e, portanto, um compromisso com a emergência de uma quarta geração da avaliação, a comunicação e pactuação entre os sujeitos envolvidos com uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Júlia Falivene. **Avaliação educacional** – da teoria a pratica; organização Andrea Ramal. – Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GARCIA, Rosineide Pereira Mubarack. **Avaliação da aprendizagem na educação a distância na perspectiva comunicacional**. Cruz das Almas/ BA: UFRB, 2013.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?:** Critérios e instrumentos 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e produções /** Cipriano Carlos Luckesi.-9. Ed.- São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**, 14 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Avaliação da aprendizagens: Componentes do Ato Pedagógico/** Cipriano Carlos Luckesi – 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudança: por uma práxis transformadora**, 5º ed. / Celso dos Santos Vasconcellos. – São Paulo: Libertad, 2003.